

| TEXTOS

Cassiano Rodka
Claudete M. Pereira Soares
Fabiana Pagel da Silva
Flávia Silveira
Geni Oliveira
Ícaro Carvalho de Bem Osório
Iraci José Marin
José Nedel
Karla Aveline
Laura Camardelli de Brum
Leila Torelly Fraga
Luciene Pimentel Betat
Mafalda dos Santos
Márcio Mór Giongo
Marta Leiria
Miguel Antonio Juchem
Nei Pires Mitidiero
Nelson dos Santos Blaya
Newton Fabrício
Regina Fabrício
Renan Apolônio
Ricardo Luiz da Costa Tjader
Rosane R. de Oliveira Michels
Sabrina Nunes Dalbelo
Vasco Della Giustina
Wilson Carlos Rodycz
Zeli Scheibel

| APOIO



Estamos
aqui para
fazer a
diferença
nas suas
conquistas.

Conte com a nossa
parceria e venha
crescer com a gente.

Saiba mais em
sicredi.com.br



| ORGANIZAÇÃO |



ISBN: 978-65-992702-0-8



CADERNO DE LITERATURA 29



| DIREÇÃO 2020 | 2021

Presidente
Orlando Faccini Neto

Vice-Presidente Administrativo
Cláudio Luis Martinewski

Vice-Presidente de Patrimônio e Finanças
Mauro Peil Martins

Vice-Presidente Cultural
Marcia Kern

Vice-Presidente Social
Káren Rick Danilevitz Bertoncello

Vice-Presidente de Aposentados
Benedito Felipe Rauen Filho

Organizado
por Marcia Kern, Madgéli Frantz
Machado e Rosana Broglia Garbin

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação
Rodrigo Cambará | rodrigocambara.com

Produção
Departamento Cultural da AJURIS
Emily Melo Borges

Revisora
Simone Ceré | Jornalista
(MTB/RS n.º 7813) e Tradutor

Impressão
Gráfica Odisséia

CADERNO
29
Literatura
COLEÇÃO · 2020

• Organizado

por Marcia Kern, Madgéli Frantz Machado
e Rosana Brogllo Garbin



AJURIS

© dos autores

Todos os direitos reservados para AJURIS

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação: Rodrigo Cambará
Produção: Depto. Cultural da AJURIS | Emily Melo Borges
Revisão: Simone Ceré | Jornalista (MTB/RS n.º 7813)
Impressão: Gráfica Odisséia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Caderno de Literatura da AJURIS /
organização Marcia Kern, Madgéli Frantz
Machado, Rosana Broglia Garbin. – 29. ed.
– Porto Alegre, RS: AJURIS, 2020. (coleção 2020). 148p.

ISBN: 978-65-992702-0-8

1. Contos brasileiros 2. Crônicas brasileiras
3. Poesia brasileira I. Kern, Marcia. II. Machado,
Madgéli Frantz. III. Garbin, Rosana Broglia. IV. Série.

CDU – B869.3
B869.8
B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3
2. Crônicas : Literatura brasileira B869.8
3. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



 AJURIS

PREFÁCIO

5



PREFÁCIO

Na estrada,

a placa diz PARE.

Desacelerar, frear.

A curva está ali.

Sempre esteve.

Agora, é preciso parar e contemplar.

As horas se arrastam,
trazendo medo e incerteza.

Humanamente iguais.

Humanamente únicos, buscando
na palavra ritmada pelo toque da arte,
um jeito de estar menos sós.

É com muita

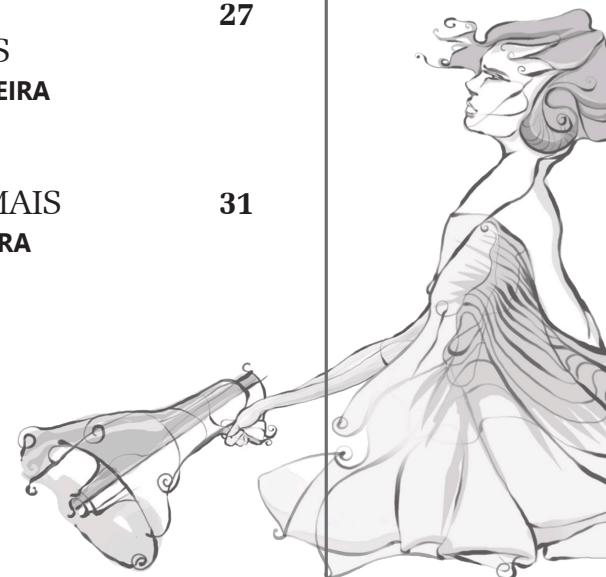
honra que o Departamento Cultural da Ajuris te convida a parar e, levemente, se entregar aos espaços, personagens e histórias que se juntaram ao longo deste ano para formar o 29º Caderno de Literatura.

Aos autores,
pela generosidade,
agradecemos.

Ao leitor,
boa parada.

SUMÁRIO

I	O SILENCIO CASSIANO RODKA	15
II	MEU TEMPO CLAUDETTE MORSCH PEREIRA SOARES	19
III	POEMINHAS · DELÍRIOS NA QUARENTENA FABIANA PAGEL DA SILVA	23
IV	OBJETOS PERDIDOS FLÁVIA SILVEIRA	27
V	NUNCA MAIS GENI OLIVEIRA	31



VI	BRAÇADAS EM DIREÇÃO AO PAI ÍCARO CARVALHO DE BEM OSÓRIO	35	XII	O SOL É PARA TODOS LUCIENE PIMENTEL BETAT	61
VII	O CACHORRO RUIVO DE OLHO GRANDE IRACI JOSÉ MARIN	41	XIII	PALAVRAS MAFALDA DOS SANTOS	65
VIII	RECOMEÇAR O MUNDO JOSÉ NEDEL	45	XIV	ISOLAMENTO MÁRCIO MÓR GIONGO	69
XI	INSANIDADE É NORMALIZAR KARLA AVELINE	49	XV	O ENCONTRO MARTA LEIRIA	73
X	PENSEI DA CANETA VENCER O TEMPO LAURA CAMARDELLI DE BRUM	53	XVI	AMOR E AMAR MIGUEL ANTONIO JUCHEM	77
XI	CORAÇÃO VALENTE LEILA TORELLY FRAGA	57	XVII	PEDRAS NO CAMINHO E AMAR NEI PIRES MITIDIERO	81

XVIII	COMO TRANSFORMAR SOLIDÃO EM SOLITUDE NELSON DOS SANTOS BLAYA	95	XXIII	RINDO DO NADA ROSANE R. DE OLIVEIRA MICHELS	121
XIX	NA PLANÍCIE DE RUNNYMEDE NEWTON FABRÍCIO	103	XXIV	FENÔMENO DA NATUREZA SABRINA DALBELO	127
XX	O NATAL DA BRANCA DE NEVE REGINA MARIA MEDEIROS FABRÍCIO	107	XXV	UM MAGISTRADO DE ESCOL VASCO DELLA GIUSTINA	131
XXI	CODEX VITAE DE RUNNYMEDE RENAN APOLÔNIO	111	XXVI	O CONVITE WILSON RODYCZ	135
XXII	ARGEU RICARDO LUIZ DA COSTA TJADER	115	XXVII	EM MATERIA DE CONVERSAS ZELI SCHEIBEL	141

13

I

O SILENCIO

CASSIANO RODKA

é escritor, jornalista e produtor musical. É um dos criadores do site PáginaDois (paginadois.com.br), onde publica seus contos e assina as colunas de Música e Quadrinhos. É autor do livro *Partituras* e co-autor da antologia *Mitos Modernos*, vencedora do Prêmio Le Blanc 2018. Acompanhe o escritor no site cassianorodka.com.br

15



O SILENCIO

Eu tenho

um respeito enorme pelo silêncio. Só o interrompo quando é realmente necessário. Corto finamente seu tecido com algumas poucas palavras, depois deixo ele preencher novamente o espaço ao redor.

Quando tatuo a sua pele, é para que ele ganhe uma voz. A única coisa pior do que uma tatuagem que perde a cor é aquela que perde o seu significado. Se seu grito tem significância, quebre o silêncio. Se seu berro tem importância, estraçalhe o silêncio. Não se preocupe, ele sempre se recupera. E o silêncio que ressurge após um rugido cheio de intenção é sempre mais macio e reconfortante.

No aparente vazio do silêncio, acontece um bocado de conexões. A mente brinca de ligar os pontos com os pensamentos, costura ideias e esculpe conceitos. Escute o silêncio. Ele fala baixinho, mas diz muito.

Eu falo

pouco, mas não menos do que eu gostaria. Só não consigo jogar palavras ao vento como se apedrejasse o silêncio. Sirenes, despertadores, vocês me cansam. Bêbados ao meio-dia, pessoas que falam pelos cotovelos, vocês não sabem o que estão fazendo. Silêncio, um beijão para você.

A gente tem uma parceria, eu e o silêncio. Às vezes ele toma conta do ambiente, outras vezes, sou eu. Ele é um bom amigo e sempre me deixa passar na frente quando eu tenho uma boa risada, uma nova canção ou uma opinião que possa mudar o mundo.

Eu não grito sem motivo,
nem silencio o meu intento.

Dou voz ao silêncio.
E escuto quem eu sou.

II

MEU TEMPO

**CLAUDETE MORSCH
PEREIRA SOARES**

é Advogada, Pós-graduada em Direito Processual e Psicóloga. Autora do livro de poesias *Fazendo Amor com o Universo em Versos* e de diversos poemas que integram várias Antologias Poéticas

19



MEU TEMPO

O meu

tempo é tempero.
Misturado com amor,
ah, não tem erro!

Crescem-me os devaneios,
os olhos, os cheiros, os vãos.
Invento moradas, estradas,
ouço sinais,
crio alegrias de beber.

Se o misturo com lágrimas então,
até perco o ponto,
pode desandar-me a vida
e até os encantos.

O meu tempo é tempero,
se me falta,
salvo-me com o que resta,
mas angustiam-me as réstias,
para tantos mundos.

O meu tempo

é tempero,
posso reescrever caminhos,
detalhar montanhas,
acrescentar pitadas de chuva,
porções de arruda e embriaguez.

O meu tempo é tempero
para acalmar as passadas,
pensar nos tropeços,
por vezes, imensos,
nos recomeços sem preço,
no fio tênue que alimenta a ilusão.

O meu tempo é tempero,
Ergue-me das trincheiras do medo
para um viver macio,
em que rosários de luas encantam
delicioso céu.

III

POEMINHAS · DELÍRIOS NA QUARENTENA

FABIANA PAGEL DA SILVA

Juíza na vara de juizado
de violência doméstica

23



POEMINHAS · DELÍRIOS NA QUARENTENA

SILECIAR,
Para ouvir-me.

POVO DO POÇO,
Com a água pelo pescoço,
Couro e osso,
Nem esboço,
Sem esboço,
Corro e ouço,
Cadê o fundo, seu moço?

EMPATADOS
E eu fico lá,
Procurando a empatia
Que não há em ti.

A MUDA,
Muda,
Muda,
E enraizada,
Anda.

CARENTENA

Me deixa,
Se eu pedir direitinho,
Dormir abraçadinho,
Ganhar um carinho,
Viver feito ninho.

TALVEZ,
Se saísse pela porta,
Fizesse sentido,
Talvez,
Se encontrasse a porta,
Soubesse o sentido,
Talvez,
Nem houvesse porta,
E aí estivesse o sentido,
Talvez,
Caso nem houvesse sentido,
Melhor desistir da porta,
Talvez,
(Sorriu concluso),
Talvez,
E orgulhoso de si,
(Já aos pés da cama),
Deitou-se,
Cuidadosamente,
De costas para a porta,
E sem nenhum sentido.

IV

OBJETOS PERDIDOS

FLÁVIA SILVEIRA

Possui graduação em Design: projeto de produto pela UNIFRA. Possui especialização em Design: produto-gráfico e informação pela UniRitter. Possui mestrado em Design com ênfase em Tecnologia pela UFRGS. Possui doutorado em Design com ênfase em Tecnologia pela UFRGS

27



OBJETOS PERDIDOS

Hoje

o dia amanheceu meio cinza, chuvoso e frio. Saí de casa logo cedo, sem muito ânimo, em direção a uma papelaria com o objetivo de comprar alguns materiais de que precisava. Acabei não encontrando o que queria na papelaria que fui. Nem na segunda. Nem na terceira. Nem na quarta papelaria. Caminhei por quadras contrariada até que, enfim, encontrei o que precisava. Comprei e voltei para casa atravessando todo o Parque da Redenção, que é um grande e conhecido parque da cidade de Porto Alegre. Quando cheguei em casa, notei que alguns materiais não estavam na sacola. Acho que o vento que bateu na sacola deve ter feito alguns materiais voarem sem eu perceber, pois, além da sacola, eu também cuidava a minha bolsa e a movimentação da rua.

O dia que já não tinha amanhecido dos melhores, piorou. No fim da tarde,

decidi voltar na mesma loja e comprar o mesmo material, perdendo ainda mais tempo e dinheiro. Desta vez fui de bicicleta pelo mesmo trajeto que havia percorrido a pé pela manhã.

Teimosa

que sou, coloquei na minha cabeça que iria encontrar os objetos que perdi. Mas imagina só: encontrar objetos perdidos em uma cidade como Porto Alegre é praticamente impossível. Sem levar em consideração que o vento que fez cair os materiais da sacola deve ter sido o mesmo vento que levou as coisas para bem longe de onde caíram.

Piorando a minha situação! Se é que alguém ainda não tinha encontrado. Mas a teimosa foi... Sei lá, depois da yoga, algumas coisas que mentalizo acontecem. Logo na saída de casa, vi na rua um vizinho com o qual nunca conversei limpando sua bicicleta. Me aproximei e pedi uma informação qualquer. Ele não só me deu a informação que queria, como

gentilmente entrou dentro de casa, anotando-a para mim em um pequeno pedaço de papel. Ele não me conhecia, não precisava ter feito aquilo por mim. Depois de tantas trapalhadas, eu nem esperava nada de bom. Enfim, achei aquele gesto educado e pensei que as coisas começavam a melhorar. Fiz então um pensamento positivo e segui em direção à papelaria. Ao chegar de bicicleta no parque, incrivelmente encontrei tudo que havia perdido. Sim, não me perguntuem como, mas achei os materiais intactos em um cantinho qualquer dos 370 mil metros quadrados que contemplam o vasto Parque da Redenção. No fim do dia cheguei a uma conclusão: que um pequeno gesto positivo pode mudar tudo. E que mesmo o maior trapalhão pode ser um grande sortudo.

V NUNCA MAIS

GENI OLIVEIRA

é professora aposentada graduada em História. Publicou em diversas antologias. Foi aluna do Curso Livre de Formação de Escritores da Editora Metamorfose e, em 2019, teve o privilégio de publicar seu livro individual de contos *"Tempo de Viver"* por essa editora.



NUNCA MAIS

Casas reviradas livros destroçados
Ideais mantidos
Mordaça.

Sombrias noites apressados passos
Imundas celas gritos
Corpos anônimos
Década atroz.

Rio grande
Alheia a tua ausência quase a mesma
Rio no nome na cidade de mar
Nem tão grande.

Esvaziada de mim
Brindo a tua coragem.

Nunca mais teus olhos nos meus
Nunca mais teu riso de menino
Nunca mais teus beijos molhados.

Céu alaranjado ondas
no cais murmúrios
Nunca mais
Nunca mais.

VI

BRAÇADAS EM DIREÇÃO AO PAI

**ÍCARO CARVALHO
DE BEM OSÓRIO**

Desembargador
e Vice-Presidente
do Tribunal de Justiça
do Rio Grande do Sul (TJRS)

35



BRAÇADAS EM DIREÇÃO AO PAI

Imagens

de corpos e barcos deslizando na água sempre me fascinaram. Mergulhei literalmente nessa ideia ao me aproximar da prática da natação e da vela, embora esta última já esquecida e abandonada.

Não obstante meu pai não ter feito comigo – falta-me lembrança de termos tido momentos aquáticos juntos –, eu reparava nos pais que se afastavam dos filhos pequenos na água e terna e desafiadoramente os instavam a virem em sua direção nadando, festejando quando o conseguiam.

Com os meus apliquei esse método, postando-me maldosamente longe e lançando desafios, comparando-os a peixinhos ou ao Aquaman, conseguindo resultados satisfatórios.

Embora não seja especialmente do meu gosto, já me envolvi em

campeonatos de natação categoria master de todos os níveis, inclusive internacional, com razoável eficiência, bem abaixo do que eu pretendia, mas dentro daquilo de que eu era capaz.

A angústia sempre tomou conta de mim na hora das provas. O conhecido “friozinho na barriga”, que para alguns era estimulante, para mim tinha efeito adverso, resultando na pergunta: “O que é que eu estou fazendo aqui? Que necessidade tenho eu de estar aqui?”. Mas enfim a parceria e o espírito de equipe falavam mais alto e eu seguia, mais parecendo estar indo em direção a um matadouro do que ao balizamento da prova.

São três

os comandos da arbitragem: o apito para subir no bloco, a frase “às suas marcas” e, por último, o amaldiçoado som “péin”, que faz nos atirarmos feito loucos na água e sair nadando em direção à outra borda, nosso objetivo. Ao menos para mim é unicamente esse o desiderato: chegar na outra borda, embora para

a maioria seja não só chegar lá, mas também sempre na frente dos outros.

Nossa rotina como viventes é feita de braçadas ao longo da vida. Começamos com aquelas provocadas pelos pais, seguindo-se as impostas pela dinâmica social. Estamos sempre em direção a alguma borda, premidos pela necessidade. Alguns sucumbem no meio da prova, outros vão num esforço irracional até o final, outros se desesperam e respiram errado, ingerindo água, mas continuam em busca da borda, e há ainda os que nele chegam, mas são desclassificados. Alguns felizardos, por seus méritos ou por circunstâncias outras, parecem flanar na água e alcançam rapidamente o objetivo, gerando inveja e admiração.

E assim a caravana passa e a fila anda. E as braçadas continuam.

Mesmo quando a neve dos anos já se apresenta nos nossos cabelos, ainda temos uma borda a alcançar, não tem jeito. O giro da vida assim o exige.

Apresenta-se, contudo, um facilitador, e eu estou aprendendo a usá-lo. Sem totemizar, eu tento enxergar um

pai no final da borda e intrejeto o que se passa na cabecinha da criança quanto à vontade de nele chegar, não só pelo prazer da conquista, mas por ter chegado a um porto seguro, lá encontrando o adequado amparo.

E este pai não é só o biológico, mas em especial aquele que é conhecido como o único arquiteto do mundo, capaz de nos inspirar os mais belos estilos de braçadas.

Rumo ao P(p)ai, portanto.

VII

O CACHORRO RUIVO DE OLHO GRANDE

IRACI JOSÉ MARIN

advmarin@gmail.com

Reside em Caxias do Sul - RS.

Professor estadual aposentado, advogado. Coautor do livro '*Histórias de Caxias do Sul*' (2010); autor de '*Imigrantes poloneses afundados num mar italiano*' (2014) e '*A Polônia e os poloneses*' (2019). Autor de livros de ficção: "*À margem do rio*" (2015), '*Conrado*' (2017) e '*A invasão*' (2019). Prepara livro de histórias infanto-juvenis.

41



O CACHORRO RUIVO DE OLHO GRANDE

Um dia,

um cachorro ruivo, com um olho grande e outro pequeno, apareceu na casa de João. Deitou-se próximo da escada que dava para a cozinha e ali ficou. Mesmo sem simpatizar com ele, João adotou-o.

Às vezes, o cachorro rosnavia. João olhava e não percebia o que provocava nele aquela reação raivosa.

O cachorro passou a acompanhar João nas caminhadas noturnas. Passava a ser uma companhia silenciosa e sombria.

João percorria sempre os mesmos caminhos, sem sustos e medos. Passava por pequenos espaços de campo, onde bois e cavalos pastavam, e respirava com satisfação o ar campestre, que, às vezes, vinha impregnado de outros odores. Gostava do silêncio da noite e da visão das estrelas no escuro das alturas. Não raro, sonhava com

elas e sua noite se iluminava por detrás de seus olhos fechados.

Numa noite, João ia tranquilo pelo caminho de terra, chutava algumas pedras, parava de vez em quando e olhava as estrelas, assobiava distraidamente. O cachorro caminhava atrás, pouco distante dele.

Quando estava próximo de um cinamomo, junto a uma curva da estrada, três indivíduos saíram detrás da árvore e o agarraram pelos braços, exigindo dinheiro. João levou tanto susto que mal conseguia respirar.

– Não tenho dinheiro... estou só caminhando com o meu cachorro...

Um dos homens olhou para trás e viu o cachorro de João. Chamou a atenção dos outros e, num piscar de olhos, soltaram-no e saíram correndo a mil pela estrada. João ficou olhando a fuga, sem entender.

Ainda tremendo do susto que levara, olhou para trás. De repente, seu cachorro foi crescendo e o olho grande ficou enorme. Espumava uma baba verde pelos cantos da boca e a pele estava eriçada como um porco-espinho em defesa.

Instintivamente, começou a

recuar, olhando firme para o olho grande do animal. Até que se pôs a correr desesperadamente, agitando os braços e gritando de pavor.

Chegou à casa de um vizinho, que o acolheu e ficou surpreso com a história. Decidiram armar-se de espingardas e lanternas e sair à procura do cachorro ruivo de olho grande. Andaram por muito tempo, pela estrada e pelos campos. Mas não o encontraram.

João retornou para sua casa, ainda um pouco amedrontado. Mas, sobretudo, muito intrigado com aquele cachorro ruivo de olho grande, que apareceu e desapareceu de repente.

Naquela noite, João dormiu pouco e não sonhou com estrelas.

VIII

RECOMEÇAR O MUNDO

JOSÉ NEDEL

é formado em Letras Clássicas, Filosofia e Direito, Mestre e Doutor em Filosofia. Juiz de Direito e Professor. Autor de muitos artigos em jornais, revistas e obras de autoria coletiva, e de vinte livros individuais, seis deles de poesia: *A curvatura da razão: poemas*, 2. ed., 2009; *A vez do verso: sonetos*, 2011; *A vez do verso: quadras*, 2012; *Última floresta: sonetos*, 2015; *Quadras em metro*, 2016; *Vida breve: sonetos*, 2018. É membro da ARL. E-mail: josenedel@hotmail.com



RECOMEÇAR O MUNDO

JOSÉ NEDEL

Após estiagem, grãos selecionados
São vertidos na terra generosa.
Safra medida em tonelada ou grossa
Será guardada em silos ampliados.

Há no infortúnio, às vezes, outros lados:
Pede mudança na vetusta prosa,
Outra rotina, mas sem polvorosa,
E reinvenção à luz de novos dados.

O meu ofício, exerço-o com escritos,
Seguindo regras clássicas e ritos,
Cultuados com respeito justo a fundo.

Semear o verbo é pôr elã na vida.
Imita o agricultor na agreste lida,
Recomeçando dia a dia o mundo.

47



VIII

IX

INSANIDADE É NORMALIZAR

KARLA AVELINE,
rio-grandina, mãe de uma menina e dois
meninos, vegetariana, acredita que o amor
é revolucionário - se cada um/a fizer a
sua parte, todos/as poderão desfrutar de
uma vida digna de ser vivida. Desde 1997
integra a magistratura sul-rio-grandense.

Atualmente jurisdiciona o 3 Juizado da
Infância e Juventude de Porto Alegre.

49



INSANIDADE É NORMALIZAR

Quisera

que meu choro saísse tão facilmente como as lágrimas de Joana, na tarde de hoje.

Joana soluçava a morte do filho, fazia poucos dias, em razão das guerras do narcotráfico.

O filho não foi enterrado;
foi, isso sim, esquartejado.

Seus pedaços restam dispersos, sem destino. Coração e coragem, de um lado; vulnerabilidades e omissões, de outro. Toda a desproteção, o sofrimento, um pouco mais para lá. Assim como Joana e a filha Jaqueline se encontram.

Desamparo.

Barbárie.

Dor.

Joana se vê vazia, sem filho, sem força, sem perspectiva. Acuada pelo narcotráfico, não quer deixar para trás sua

casa, não quer morar nas ruas ou passar o resto da vida pedindo favor, aqui e ali, para dormir em alguma peça imunda, bolorenta.

Quisera eu

– juíza impotente, que faço de conta que a justiça sai da ponta da minha caneta – ter palavras de amparo, de solidariedade, de esperança, para aplacar a dor absurda, palpável, que se esparramou na sala de audiências e ainda não largou de mim.

Casa e vida vilipendiadas e uma promessa. Mais corpos serão usados no tráfico – até que a dívida do filho seja paga – ou rasgados e atirados aos abutres que pairam sobre um dos cantos mais escuros da zona sul de Porto Alegre.

Enquanto isso, a classe média/alta/branca assiste ao Jornal Nacional, aplaude a truculência da polícia, clama por mais e mais aprisionamentos, fuma seu baseado ou cheira uma carreira e desfila pelo bairro com um adesivo bem colado na traseira do carro:

“A ZONA SUL É TUDO DE BOM”.

X

PENSEI DA CANETA VENCER O TEMPO

LAURA CAMARDELLI DE BRUM

faz parte da quarta geração de engenheiros da família e escreve para transbordar. Boca cheia de dentes, sorriso que mastiga, que grita e que derrama, mulher com café, dançarina da sala de casa e uma juba inteira de cabelos desmoronados. Terrena na construção, arteira na companhia, estuda escrita criativa. Apaixonada por Manoel de Barros, Valter Hugo Mãe e Matilde Campilho, caminha por poesia.

53



PENSEI DA CANETA VENCER O TEMPO

Hoje

eu senti medo. Hoje eu ouvi o barulho da caneta arranhando o papel e quis compor minha música... Eu li seu texto. Mal consegui ser colo para a sua preocupação. Morri de sono. Pensei: "o que eu vou fazer da minha vida?". Inventei outra técnica infalível totalmente falível. Preparei um bolo e uma surpresa de aniversário. Melhor assim. Canto para me convencer a encarar os dias. Tentei esquecer ao mesmo tempo que me esforço para lembrar. Deitei no chão. Queria todo mundo aqui em casa de novo. Não escrevi nada com nada. Estou me perguntando o que posso aprender com isso.

Hoje

eu li seu bolo e uma preocupação movida. Mal consegui ser sono. Pensei da caneta vencer o tempo. Estou me perguntando aqui em papel e barulho. Queria todo esforço para nada. O que posso da minha surpresa? Tentei esquecer arranhando o chão. Eu ouvi o rio. Senti medo. Hoje eu vou ao falível a encarar os dias. Melhor assim. Colo para aprender com isso. Eu me deitei no canto para me lembrar. A sua casa de novo. Não escrevi outra técnica infalível. Que mundo que nada. Há música... Mesmo com texto.

XI

CORAÇÃO VALENTE

LEILA TORELLY FRAGA

Pretora aposentada, Psicóloga e
colaboradora do Caderno
de Literatura da AJURIS

57



CORAÇÃO VALENTE

O dia

cinzento e gelado certamente não traduzia em nada as emoções que se infiltravam no corpo e na alma daquela mulher. Fazia muito frio. O relógio da torre marcava uma da tarde. Ela precisava comer algo antes de dar início à subida para o castelo. Havia decidido ir caminhando. Escolha pouco comum naquele período do ano, mas afinal ela também não era exatamente comum. Entrou no primeiro bar que encontrou no caminho. Grossas toras de lenha ardiam na lareira, trazendo luz e conforto ao ambiente.

Ela a única mulher presente. Sentou-se numa banqueta junto ao bar espelhado repleto de garrafas de uísque. O cenário era perfeito: o fogo na lareira, os velhos escoceses, seus cachimbos, suas rugas e seu idioma quase impossível de entender. Pediu

um simples misto quente e uma dose dupla de scotch. Só faltava um unicórnio. Suas vivências passadas atravessaram o espelho. Ela se viu recém-saída da adolescência entrando num outro bar, no início da tarde, nos trópicos, no calor, tomando o seu primeiro uísque. Pairava no ambiente uma pesada nuvem carregada de lúgubres preconceitos de uma clareza solar.

Na viagem pela terra dos monges fabricantes de uísque, ela encontrou o espírito das salamandras, das sélfides, das ondinhas e dos gnomos, que vivem na natureza invisível da alma dos humanos. Passou a entender melhor as criaturas terrenas. Agora sabia que era capaz de despertar as mais variadas emoções e sentimentos. Da admiração à raiva, com seus muitos graus e matizes. Até mesmo inveja daquilo que não tinha. Foi o pivô de um número de histórias fantásticas inventadas pela incapacidade de viver de alguns. Construiu afetos sinceros entre aqueles conhecidos e amigos que foram escolhidos a dedo para fazer parte de seu patrimônio afetivo. Como ela costumava dizer:

"todos da mesma banheira espiritual". Nunca foi singela. Andou sozinha pela existência, desde sempre se fazendo companhia. Assim foi aprendendo a gostar e valorizar a si mesma. Era o que tinha de mais precioso. Pediu a conta e em silêncio agradeceu a acolhida daquele lugar povoado de lendas, batalhas e seres míticos.

Vestiu o gorro, as luvas e o casaco, enrolou o cachecol no pescoço e começou a subida para o castelo. Podia sentir em todo seu corpo uma sutil euforia. Ela não era nenhum William Wallace. Talvez em alguma vida passada tivesse sido queimada na fogueira. Quem sabe?

Certo mesmo é que concordava com o dito no filme: "Todos os homens morrem, mas nem todos os homens vivem". Ela conhecia o significado disso. Estava na Escócia, e sabia que seu coração era e sempre seria valente.

XII

O SOL É PARA TODOS

LUCIENE PIMENTEL BETAT,
Oficial Escrevente, lotada na 1^a Vara Criminal e VEC da Comarca de Cachoeira do Sul/RS, bacharela em Direito pela ULBRA (2008), concluinte do Curso de Preparação à Magistratura – AJURIS (2009) e Especialista em Direito Penal e Processual Penal pela Verbo Jurídico (2020). Acadêmica de licenciatura em letras.

61



O SOL É PARA TODOS

Em um belo

dia qualquer, apenas mais um dos quase trinta mil já vividos, cansei dele. Caminhei, corri e sorri. Quis descansar.

Poderia dizer também que não era um dia qualquer, poderia ser menos um dos quase sete mil que ainda me restam, se conseguir me levantar.

Tomei um pouco d'água, perto do moinho. Cansado e sozinho, olhei para o lado e avistei um banco. Estava perto do lago, longe da rua, próximo a um barranco.

A sombra é para poucos.
Sentei.

Durante

a vida, trabalhei. Chegou o momento de desfrutar. Ao descansar, um galho me fez repensar. Quando me atingiu, descansando com sombra e água fresca, a quarentena me isolou.

Quando tudo isto acabar, saberei quem sou. Estarei magoado, curado e pronto para a partida, pois a sombra me tranquilizou e a luz me fortaleceu para suportar, após a queda, a subida!

XIII

PALAVRAS

MAFALDA DOS SANTOS

Autora de quatro livros de poesia. Há mais de dez anos, colaboradora do Caderno de Literatura da Ajuris. Suas paixões: poesia e fotografia.

65



PALAVRAS

Palavras,

pensamentos, ideias
Revoadas, brincalhonas, sérias
Que povoam nossas cabeças
– Como sentenças –
Justas ou injustas
Certas, conjugadas
Que surgem!

PALAVRAS: irmãs da poesia
Filha dos nossos sentimentos
– Euforia ou tormentos –
Pais da ousadia...
Raízes de nossas alegrias
– Agonias –

Palavras

libertam caprichos
Escravizam, ou não, nossos lixos

PALAVRAS: oceano imenso
De nossos horrores suspensos
Das felicidades, das tristezas...
– Fortes ou amenas –
– Grandes ou pequenas –

PALAVRAS:
retrato do tudo e do nada
– Imagens –
PALAVRAS: herdeiras da coragem!

67

XIV

ISOLAMENTO

MÁRCIO MÓR GIONGO,
natural de Cachoeira do Sul-RS,
reside em Porto Alegre- RS, onde
se graduou em Ciências Jurídicas e
Sociais pela PUCRS. É advogado e
membro julgador do Tribunal de Ética
e Disciplina da OAB/RS. Participou
de várias coletâneas e tem recebido
diversos prêmios literários pelo país.
Autor dos livros "O planeta vermelho"
(2013) e "Delírios de chuva" (2020).

69



ISOLAMENTO

Temos

que permanecer em casa,
Sem os abraços da família e dos amigos,
Sem os carinhos e beijos da amada,
Todos os dias agora é sempre domingo;

O mundo não está sadio não,
São celulares com câmeras e computadores,
E o ser humano sem qualquer conexão,
Em seu coração jardim sem alma e flores;

Temos agora que seguir a escrita,
Filósofos, poetas, menestréis e cantores,
Alentam noite e dia reclusa ilha,
Exaltam músicas, versos, rimas e amores!

71

MÁRCIO MÓR GIONGO



XIV

XV

O ENCONTRO

MARTA LEIRIA,

Procuradora de Justiça aposentada e escritora.

Em 2019, concluiu o Curso Livre de Formação de Escritores dirigido por Marcelo Spalding e lançou o primeiro livro solo na 65^a Feira do Livro de Porto Alegre, *"A inveja nossa de cada dia e outras reflexões crônicas."* Em 2020, concluiu o Curso On-line com os Professores Assis Brasil e Jéferson Assumção. Participa da Oficina de Escrita Criativa com o Professor Pedro Gonzaga. Mais informações no site

www.martaleiria.com.br

73



O ENCONTRO

Após

quase três meses de quarentena, convivendo apenas com livros, família e tela de computador, e sem previsão de nova data para o concurso adiado em razão da pandemia, Kátia sente que é chegada a hora de ver outras gentes de perto, sair com as colegas e amigas para desopilar, falar bobagens, rir à toa. Ah! a tal democracia, tão louvada por elas nos livros de Direito Constitucional... elabora uma listinha de regras e procura blindar a proposta após longa reflexão.

Toma coragem e propõe encontro presencial em um bar. Apresenta as normas a serem seguidas para que não haja risco de eventual contaminação. Não revela, mas pensa: "vai saber, de verdade, o que as outras andam fazendo por aí". Nas redes sociais, onde reina a hipocrisia, muitos, apesar de ostentarem o distintivo

"fique em casa", não estavam embaixo da cama como tentavam fazer crer. Postavam fotos de ruas arborizadas, de pássaros flagrados pelo caminho, de ciclistas à beira-mar. Conhecedora das amigas, foi fácil adivinhar os óbices por elas vislumbrados: duas acham temerário o encontro, melhor ficar no virtual. As outras duas aceitam, mas consideram as regras rígidas demais. Por fim, entram em acordo e aceitam a proposta inicial, norteada pelo bom senso.

Chegam

no horário combinado, abanam umas para as outras com suas luvas, mandam beijinhos através das máscaras, quanta saudade! Vem o garçom, também com máscara e luvas, e fazem o pedido, mantendo a distância regulamentar de dois metros umas das outras no amplo pátio arborizado do bar. Pedem espumante, brindam à amizade, à saúde, à vida! Mais animadas, e constatando que nenhuma apresenta sintomas de infecção pelo tal do coronavírus, começam a achar bobagem ficarem

em pé e distantes umas das outras. Uma delas propõe pedirem mais uma garrafa e umas comidinhas, por que não se sentarem à mesa? São muitos os assuntos pendentes. Então começa uma discussão ferrenha entre os dois grupos. Quando Kátia, em um acesso de mau humor, lembra a todas que era para ficar só em um cálice, mantendo distância umas das outras, e cobra a manutenção do acordo, uma lança: – Lá vem ela, Kátia, a generala! Todas riem. Vociferam que aquilo tudo é um exagero e que farão o que bem entendem, essa é a verdadeira democracia!

Kátia perde as estribeiras, xinga as amigas e vai embora dali. Já quase em casa, lembra-se que não pagou a sua parte da conta e volta ao bar, não pedirá nada àquelas ingratas tratantes.

Ao chegar, Kátia se depara com as amigas todas abraçadas, rindo e estranhando a volta da generala, que, indignada, joga uma nota de cinquenta reais no chão e sai correndo do tão planejado encontro presencial.

XVI

AMOR E AMAR

MIGUEL ANTONIO JUCHEM

– Magistrado aposentado (RGS) – Advogado
– Psicoterapeuta reencarnacionista.



AMOR E AMAR

• Amor

é teorizar. Amar é praticar.

- O amor é uma proposta. O amar é a resposta.
- Amor é conscientizar. Amar é experienciar.
- Amor é inspiração. Amar é respiração.
- Amor é leve estar. Amar é levitar.
- Amor é um falar. Amar é um cantar.
- Amor é o escrito. Amar é o grito.
- Amor é bom humor. Amar é gargalhar.
- O amor é a grafia. O amar é a caligrafia.
- O amor é o título. O amar é o capítulo.
- Amor é intenção. Amar é intensão.
- O amor é o nascedouro.
O amar é o seu escoadouro.
- O amor é a paisagem. O amar é a viagem.
- Amor é lição. Amar é ebulação.
- Amor é o buscar. Amar é o alcançar.
- Amor é a cor. Amar é o pintor.
- No amor, o ideal. No amar, o real.
- Amor é imaginação.
Amar é imagem em ação.
- Amor é desafio. Amar é desfiar o fio.

- O amor a tudo preside,
mas é no amar que ele reside.
- Amor é coração. Amar é coroação.
- Amor é se integrar. Amar é se entregar.
- O amor é o andor. O amar é o andar.
- O amor convence,
mas é no amar que ele vence.
- Amor é sentimento de união.
Amar é sentimento de comunhão.
- Amor é chamamento.
Amar é chama ao vento.
- Amor é projeto. Amar é concreto.
- O amor é para se encorajar.
O amar é para se arrojar.
- Amor é o caminho. Amar é o caminhar.
- Amor é lição para aprender.
Amar é esta lição apreender.
- Amor é acolher. Amar é colher.
- O amor é atingível, mas só com o amar
que se torna tangível.
- Amor é odor. Amar é olor.
- Amor é para absorver. Amar é para sorver.
- Amor é criação de Deus.
Amar é pulsão de todos os seus.
- Amor é encorajamento.
Amar é engajamento.
- Amor é um alinhar. Amar é um aninhar.
- O amor é solar. O amar é lunar.
- O amor é para melhorar a vida.
O amar é o melhor da vida.

XVII

PEDRAS NO CAMINHO E AMAR

NEI PIRES MITIDIERO

Magistrado estadual aposentado,
autor dos livros Comentários ao
Código de Trânsito Brasileiro (2^a
Edição Forelse, 2005) e Crime
de Trânsito e de Circulação
Exatrânsito (Saraiva,2014)

81



PEDRAS NO CAMINHO

Eles

adentravam o Passo da Ilha.

À direita do passo, encantavam-se, uma vez mais, com os múltiplos pequenos saltos da água límpida e espumante, que logo corria sobre e entre as pedras e abraçava a ilha frondosa e verde.

Das margens desta – que se estendia, rio abaixo, por uns trezentos metros e, onde era mais larga, não chegava a um terço disso –, os curiosos teiús observavam a passagem do jipe e do casal pelo sulco do correntoso Tainhas. Os grandes lagartos preto-amarelo-turvos desconfiavam das intenções dos humanos – a outros desta espécie bem conheciam, e deles não tinham boas lembranças! E aquela estranha criatura verde, cujas patas redondas e negras avançavam sobre as pedras do rio, o que era?

Transcorria o verão dos idos do ano de 1960, e a água do encachoeirado rebatia os raios do sol a pico.

Vindos

de Cambará, Avelino e Jacira

varavam os Campos de Cima da Serra.
Atravessavam o caudal. Tomavam a
estrada de chão... iam ao Passo do S. Ao
esconderijo do qual mais gostavam.

Eles não sabiam, mas, lá do alto
do galho do pinheiro araucária, olhinhos
travessos e espertos espionavam-nos.
Vigiam-nos.

– Seres como aqueles eram
perigosos! Não que se me possam fazer
o mal. Ao contrário. Eu é que se lhes
posso causar desditas. Para isso, basta-
me que me desgradem, me provoquem
– cismava, meditabundo, o extravagante
Espião dos Campos de Cima da Serra.

Ele os receava, sim! Mas só pelos
cuidados que devotava à Mãe Natureza.

Era a missão dele, por designios
finais. Ai dos que se atrevesssem a mutilar,
a matar os animais. Mais aversão, ainda,
ele sentia pelos que dizimassem as
fêmeas, pior, se estivessem prenhas,
ou com as suas crias em volta... se
acabassem com a vida dessas, então, a
sua vingança seria terrível! Mas não só.

Aos que cortassem ou derrubassem as árvores, desbastassem ou pucesssem por terra os arbustos, devastassem a vegetação baixa... a vindita dele seria também a mais pesada... a mais cruel de todas.

— Hummm... — Olhava-os bem!
— Aqueles dois já os conheço. Eles são bons; preservam e protegem isto tudo. — Despreocupava-se.

Contudo,

ainda que fossem — como ele o era — sentinelas protetoras da natureza, ainda os seguia. Nessa faina, ele pulava de árvore em árvore... caminhava sorrateiro ora entre essas... ora em campo aberto, embrenhava-se no mato, escondia-se aqui e ali, entranhado nos arbustos ou atrás das grandes pedras. — E se viraram malvados, desnaturados! — Franzia a testa, aguçava os ouvidos... espichava as orelhinhas pontudas, o Inquieto Morador daquelas paragens.

O jipe ganhava a estrada. O barulho da água que se lançava pelas escarpas da cascata próxima à nova passagem do rio era cada vez mais nítido. Crescia.

E ei-lo. O segundo passo do rio.

O maduro descendente dos imigrantes italianos e a jovem beladade moura, d'olhos e cabelos negros, chegavam ao sinuoso trilho de pedras e lajedos que se estendia de uma margem a outra do cintilante e, ali, ligeiro Tainhas.

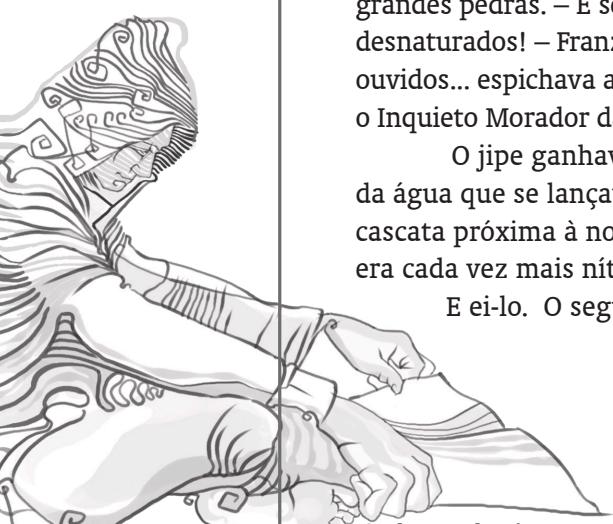
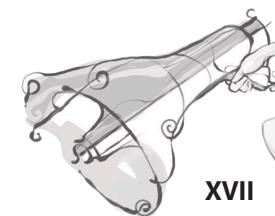
Ao S. Ao espiral passo pedregoso do rio.

O jipe titubeava. Pedra por pedra, percorria o esse. O casal perscrutava-o, atento a quaisquer obstáculos... fossos... valas... fendas... entre as pedras — por vezes submersas, outras tantas, à flor d'água — da extensa passagem pelo aguado.

Ali, no meio do passo, Avelino sustava a marcha do verdinho. A paisagem os extasiava.

Admiravam-na.

Ao sul, enlevavam-se com as translúcidas corredeiras entre as pedras multiformes. Acima destas, eles avistavam a curva do rio... o casarão baixo e colonial dos Fontes... o branco das paredes de alvenaria... o telhado canal amarronzado... o avarandado, de onde o povo da fazenda mirava as cachoeiras... e assistia, deslumbrado — nos dias claros e sem nuvens —, ao céu descer e banhar-se no azul transluzente do rio. Era gente



amiga e hospitaleira... já haviam pousado por lá... na Casa Grande.

Ao norte, eles contemplavam o corredouro Tainhas fugir entre as pedras e se lançar vertiginoso da cascata.

Lá embaixo, bem além da queda d'água, no remanso, entreviam a clareira. O canto preferido deles. E, Avelino, sôfrego pelo avanço das horas, pensava na noite. Na luz do luar. Em Jacira.

Alcançada a outra margem, seguiam pela estrada de chão. Logo, à direita, abriam velha porteira e, pela trilha verde do descampado, buscavam o remanso... até que... surgia o inesperado... o vetusto pontilhão de madeira, abaulado, afundar-se no riacho que corria para o Tainhas! Não dava para passar!

– Quem sabe haja outra passagem lá para cima, para os lados da cabeceira do arroio? – opinava Jacira.

Aventuravam-se. Contornavam obstáculos, por vezes, matagais ribeirinhos... Eeta! O que era aquilo no cerrado, ao longe? Parecia gente... eles vislumbravam vultos cinzentos... insolitamente inertes.

Mais de perto, viam-nos às claras.

Eram

homens e mulheres de pedra! Muitos deles!

Feito estátuas fantasmagóricas, com os pés calcados na terra, na relva verde ou nos lajeados, pareciam assustados... apavorados... como se, de supetão, tivessem dado com o Diabo pela frente. Dispersos... ou em pequenos bandos... jaziam pelo lugarejo... todos com as vestes da ocasião... os chapéus... os olhos esbugalhados... uns que outros, boquiabertos... como se algo ou alguém... uma criatura medonha... os tivesse surpreendido e amedrontado. Eram as assombrações dos altiplanos.

– E... que povoado de criaturas de pedra – tão reais... tão perfeitas... – era aquele? Tão assustadas... atemorizadas!? Pareciam vivas... algumas delas portavam espingardas... outras carregavam armadilhas... arapucas... alçapões... redes de pesca... por aí afora! E por que diabos estavam reunidas ali? – indagavam-se.

Avelino e Jacira duvidavam do que viam. Não que nunca houvessem ouvido falar dos fantasmas dos altiplanos dos Campos de Cima da Serra. Os índios

falavam. Murmurejavam pelos cantos. Temiam as almas penadas dos altiplanos. Eles, os nativos, queriam, mesmo, era ficar longe da vila misteriosa.

Era quase

noite. E aquela era a Vila dos Esquecidos. Das efígies cinzentas. Era o pequeno mundo do silêncio.

Tudo era lúgubre no perdido arraial. Até mesmo os surpreendentes, os sibilantes silvos que, longos e estridentes, ora invadiam o vilarejo das almas perdidas. Ecoavam intermitentes. Vinham da mata.

Os aventureiros dos platôs mais se abalavam. Intrigavam-se.

A jovem, todavia, cavoucava o passado. Lembrava-se das histórias contadas pelo seu povo. Pelos tupis-guaranis. E dos muitos – dos quais seus avós falavam – misteriosos avisos dados pelas criaturas sobrenaturais que erravam pelos cerrados e matos. Eram assobios. Retumbos de pancadas em troncos de árvores. Em toras, em tocos espalhados pelo solo.

Nisso, o silvo se abrandava melodioso, reboava pelo arraial do silêncio. E... as

criaturas de pedra, letárgicas, despertavam e lentamente moviam os braços, a cabeça, o corpo inteiro... mas não conseguiam se despegar do chão. Desesperavam-se... lamuriavam-se... choravam.

Só podia ser um pesadelo! Uma visita ao inferno! Avelino e Jacira só queriam acordar, tinham que acordar.

Não, não era sonho.

Ali, pertinho deles, havia alguém que sabia de tudo.

Era ele. O guardião obstinado dos campos, dos cerrados e matos virgens que ainda os rastreava. E os observava, escutava-os. Era-lhes todo ouvidos. E, ouvindo-os, solerte, esboçava, discreto, sarcástico sorriso.

O casal agora se afastava dos personagens de pedra. Finalmente, eles encontravam o vau do riacho e, cruzando-o, ainda incrédulos nas efígies cinzentas fantasmagóricas, estarrecidos, atordoados, acampavam na clareira que se estendia até a beira do remanso do rio Tainhas.

Por momentos, a fragrância dos lírios-do-mato, a lua brilhosa, passeadora pelo céu anilado, faziam-nos esquecer do pesadelo do anoitecer.

Na noite

estrelada – a chaleira por sobre a trempe
chiando – eles desfrutavam o amargo,
enquanto a costela gorda já pingava e a
linguiça colonial dourava.

– Esta erva é das boas. É lá de Ilópolis, da moída das folhas verdes nativas da várzea do Guaporé – saboreando-a, Avelino puxava conversa.

Saborosa – regada pelos generosos goles do vinho tinto encorpado de montanha da colônia italiana de Pinto Bandeira –, pródiga em carícias, também fora a madrugada.

Amanhecia.

Recém-saídos da água transparente do remanso, saciados do chimarrão, eles desarmavam a barraca. Iriam a Jaquirana rever os pais dela... e ele, já pensando no churrasco da noite, pegava o facão... precisavam levar a lenha. O gume do facão, apanhado pelos raios do sol, preluzia.

– Hum... isso não me cheira bem – rumorejava, ainda escondido no matagal, o Espião da Floresta. Ficava contrariado. Ele não estava gostando dos rumos que as coisas estavam tomando.

– Opa! O que é que ele vai fazer com aquele baita facão, caminhando em direção ao arvoredo? Vai desmatar? Ora... ora... se é lenha o que ele quer, ele tem mais é que catar os galhos secos espalhados pelo chão! – Irritava-se o fugidio personagem das matas, que, rasteiro e ágil, já se movia no matagal.

E... saía do mato... punha-se a descoberto... dava-se a conhecer diante dos arregalados olhos dos atônitos... embasbacados... arrepiados... apavorados Avelino e Jacira.

Estes, agora, viam-no por inteiro. Ali estava o serelepe indiozinho dos campos e matos serranos. Beirava a metro e meio... era um menino esguio... com uma modesta barriguinha à mostra... sendo que – abaixo da cintura, presa a esta por uma tira de cipó – se valia de grande folha verde para encobrir-lhe o falo. Os pés eram para trás... os calcanhares para a frente... tinha o rosto redondo, cujas maçãs eram salientes... as cavidades dos olhos, rasgadas... as orelhas, compridas e pontiagudas... o nariz era reto, empinado... os cabelos, tinha-os desenvoltos avermelhados.

Encolerizado,

com o olhar gélido, o moleque os fitava.
Esticava o bracinho direito. Espetava o dedo indicador e apontava-o para o casal.

Os olhinhos negros refulgiam e, penetrantes nas pupilas dos olhos dos visitantes, pouco a pouco os faziam tomados por súbita modorra... e, vagamente, Avelino e Jacira sentiam as pálpebras pesarem... as pestanas irem se fechando... os corpos enrijecerem. Sim – o pânico os assaltava –, eles estavam prestes a se tornar criaturas de pedra... os mais novos moradores da Vila dos Esquecidos.

Foi então que, de todos os cantos, surgiam os quatins... os tatus... os furões... os zorrilhos... os guaraxains... os gatos-do-mato... as jaguatiricas... os teiús... os bugios... as cotias... as capivaras... e tantos outros animaizinhos dos campos e matas serranos... eles invadiam a clareira e formavam um cinturão em torno dos aventureiros. Os peixes saltavam, pulavam à superfície do rio... os cágados, as tartarugas vinham à terra. Os pássaros e as aves maiores... as caturritas, os papagaios-do-peito-roxo, as curicacas... até as esquivas

gralhas-azuis... pousavam no arvoredo. Os beija-flores zuniam nos ares... davam voltas e voltas acima das cabeças do insólito moleque e dos – àquela altura dos acontecimentos – letárgicos viajantes dos Campos de Cima da Serra.

A fantástica criaturinha, então, abaixava o braço.

Ele, o fabuloso indiozinho de cabelos desenvoltos avermelhados, não mais apontava para o casal. Havia entendido o recado dado pelos habitantes dos cerrados, dos campos, dos matos dos altiplanos. Do seu povo. Dava-se por vencido. E, num zás, ele se voltava para o matagal, e neste se embrenhava.

Avelino e Jacira despertavam da repentina letargia que os havia tomado.

E o jipe, já no asfalto, tomava o rumo de Jaquirana.

Absortos, vez que outra eles se entreolhavam. Devaneavam... eles jamais esqueceriam do extravagante indiozinho daquelas plagas... cujos pés eram para trás... e os calcanhares, para frente.

Ela, entretanto, sabia de quem se tratava. Recordava-se da infância, dos rituais, das feitiçarias. Das ameaçadoras

palavras do pajé da tribo... – Eresykyipe Anhangá, Tagûaiba, Kurupira, Íurupari koîpó te'õ aba supé? – e as murmurava junto a Avelino: – Invocaste o Anhangá, o Taguaíba, o Curupira, o Jurupari ou a morte para alguém?

Ele era o protetor das árvores e da caça, senhor dos animais que habitam a floresta, os campos e os cerrados. Sim. Ela e ele bem o sabiam quem era o misterioso, esperto e irrequieto indiozinho dos cerrados, das matas e dos Campos de Cima da Serra.

XVIII

COMO TRANSFORMAR SOLIDÃO EM SOLITUDE

NELSON DOS SANTOS BLAYA

A solidão resulta das nossas circunstâncias e produzem uma tristeza, que é uma perda da potência do ser, com ensinou Espinosa mas podemos transformá-la em solitude que é uma alegria nos conforta e devolve a alegria de viver que nós chamamos de amor próprio. Sempre dá certo.

95



COMO TRANSFORMAR SOLIDÃO EM SOLITUDE

O sonho

dele era disputar a Olimpíada de natação, em cem metros rasos. Treinava sempre que possível, mas estava muito longe das marcas dos atletas profissionais. Numa tarde de domingo, no início do verão, foi pescar. Tirou o caíque de cima do carro, colocou-o na água, e munido de linha, anzol e isca subiu na embarcação. Lembrou que estava sem o colete salva-vidas. Mas não iria votar em casa para pegar só um colete. Sabia nadar. Sua intenção era espairecer um pouco. Sair da rotina. Buscar um encontro consigo mesmo flutuando nas águas. Até hoje ele não sabe dizer como foi que caiu na água e mergulhou fundo. Quando voltou à superfície o caíque tinha sido levado pelas ondas. Olhou a praia e estava bem longe.

Muito longe. Começou a flutuar. Sabia que precisava economizar toda a energia possível. Tentava dominar o momento. Seus pensamentos o atormentavam. Era uma mistura da raiva, surpresa, desencanto, medo e esperança, fé, desespero. Foi quando sentiu que precisava concentrar em si toda a força possível para sobreviver. Numa experiência que nunca tinha vivido antes, tratou de expulsar da mente os pensamentos que o atormentavam. Repetia para si mesmo, enquanto nadava, concentra tudo no aqui e agora. Nada mais interessa. A meta é chegar à praia. Agora é atenção. Respira fundo não desperdiça energia. Aproveita cada braçada.

Anos depois, uma pandemia o obrigou a ficar em casa. Seus pensamentos estavam à deriva novamente, como na pescaria, sem o menor controle, um tédio infinito. Um tormento. Uma solidão densa, raiva, desencanto, medo, surpresa, sensação de estar preso. Foi quando a experiência da pescaria o socorreu. Já vivi isso antes, é só se concentrar e prestar atenção no aqui e agora, ter domínio sobre si mesmo. Pouco interessa por que estou nesta situação.

Estou

e pronto. Traçou uma meta. Vou tentar chegar ao Natal. Tinha prometido para si mesmo, em outro momento, quando esteve seriamente doente, chegar ao aniversário de quinze anos da neta e chegou. Se fracassar, paciência ao menos tentou. Lembrou de Shakespeare: "Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o bem que poderíamos conquistar se não fosse o medo de tentar". Eu sou dos que tentam, repetiu para si mesmo.

Imaginou, em seu confinamento, que deveria tentar transformar solidão em solitude para aliviar a angústia. Sabia perfeitamente que a solidão era um tipo de castigo, tanto é que nas prisões do mundo inteiro existem celas solitárias. A mais famosa era a de Alcatraz na Baía de São Francisco, na Califórnia, onde cinco detentos se suicidaram apesar de todos os cuidados para evitar as mortes na prisão.

A solidão é imposta de fora. A solitude é uma escolha de dentro. Penso que o ser humano completamente isolado, ao ponto de não saber mais se é dia ou noite, acaba enlouquecendo. Porque nós somos animais sociais e por isso conseguimos sobreviver

como espécie. Precisamos do outro.

Para chegar na solitude a primeira providência é aceitar de bom grado os fatos, da forma mais real possível. Ortega y Gasset diz: "Eu sou eu e minhas circunstâncias, e se não salvo a elas, não me salvo a mim".

Nosso self oscila no espaço e no tempo, num antes, um agora e um depois. Não precisamos entender o que é o tempo. Basta sentir o agora. Santo Agostinho em suas Confissões nos legou esta preciosidade: "O que é então o tempo? Alguém perguntou. Se ninguém me pergunta, eu sei: se desejo explicar a alguém que me pede, não sei mais." Mas nós sabemos perfeitamente o que é o agora e é nele que está a chave para desenvolver a solitude. Por um momento sente o ar entrando nos pulmões para o teu corpo pulsando. Presta muita atenção para ouvir o silêncio. Solta os braços, as pernas, sente a preguiça no corpo, como recomendava Vinicius de Moraes.

Mais que tudo isso. Transporta-te inteiro para o agora. Sê o Senhor do teu próprio self. Deixa o passado no lugar dele. Evita pensar no luto que provocou

cada ingratidão que te fizeram. E nunca julgues, apenas tenta entender quem te machucou. Aceita que nunca mais é parte da vida e ouve Shakespeare, novamente: “lamentar uma dor passada no presente é criar uma dor nova e sofrer novamente”.

É por isso que há mais filosofia na literatura e na poesia viva do que nas doutrinas dos teóricos, dos criadores de escolas. Mas, por uma razão que está muito além do meu conhecimento, nós temos um sentimento de eternidade transcendental, quando vivemos imanência, que é finita. Quero dizer com isso que a todo o momento nos somos “lembados” do futuro. Que é uma irracionalidade, pois jamais será futuro. Mas sentimos o presente. Podemos nos fixar no agora.

O nosso pescador naufragado lutando pela vida foi salvo pela sua determinação. Expulsou do cérebro todos os pensamentos e manteve os olhos fixos na praia. Só na praia. Nadou e manteve a vida.

A solitude que devemos buscar pressupõe uma atividade produtiva um trabalho, uma dedicação, algo que cause prazer e principalmente alegria – nas

palavras de Espinosa uma alegria, uma potência, a que Nietzsche irá chamar de potência de agir, e esta quem sabe seja o maior desafio da solitude, porque não existe receita para aumentar a potência de agir, já que é algo profundamente subjetivo.

O que sei

dizer é que o simples fato de sair em busca da solitude já é parte dela mesma. Ouça Sartre: “o pior mal é aquele ao qual nos acostumamos”.

Aprende a desenvolver o teu ócio criativo. Na Grécia a escravidão sustentava os ociosos criativos, e eles nos legaram conhecimentos que se mantêm há mais de 2.500 anos. Os ambiciosos, aqueles que negavam o ócio, para cuidar dos negócios, não nos deixaram nada.

Schopenhauer tem uma receita para a solitude. A vida, diz ele, oscila como um pêndulo, entre a dor e o tédio, que são os motivados pelos desejos.

A solução é policiar os desejos, reduzir os seus apelos. Pois ou tu controlas os teus desejos, ou eles te controlarão. O outro refúgio é a arte,

principalmente a música, o que também é um caminho para a solidão. Que música? Somente aquela que te traz a alegria de que fala Espinosa, a que conforta a alma, te tira da solidão. Fique em casa com música alegre. E coma chocolates.

O Eclesiastes nos ensina que tudo tem um propósito embaixo do sol. E tudo tem um tempo. Há tempo para nascer e tempo para morrer, há tempo para amar e tempo para odiar. Quero terminar com a ajuda de Fernando Pessoa: “o que for, quando for, é que será, o que é”.

XIX

NA PLANÍCIE DE RUNNYMEDE

NEWTON FABRÍCIO

Desembargador do TJRS



NA PLANÍCIE DE RUNNYMEDE

Em 15

de junho de 1215, os barões ingleses, cansados dos impostos escorchantes e das diatribes e incompetência de João Sem Terra, exigiram que ele assinasse um documento que limitava os poderes do Rei. Esse documento entrou para a História, conhecido como Magna Carta.

800 anos depois, viajei com a minha família à Inglaterra, onde fiz questão de conhecer a planície de Runnymede, um lugar solitário, tranquilo e sem qualquer movimento. Ao chegar, aproveitei o silêncio e a paz daquele lugar pra dar uma caminhada. Lá pelas tantas, sentei na grama, solito no más, olhando aquela baita planície vazia, mas ensolarada, com uma leve brisa balançando a copa das árvores, lá adiante, perto do rio. Pensei um pouco na vida. Refleti. Então, chamei o meu

filho, à época com 13 anos, e contei a história daquele lugar, a planície onde João Sem Terra foi obrigado a assinar a Carta Magna.

Contei também a história de quem foi o tal de João Sem Terra, um pobre diabo que queria ser rei, e a forma miserável como morreu.

E terminei o causal dizendo o seguinte para o meu filho:

– Sócrates morreu em defesa de seus princípios; o Império Romano morreu por ter esquecido os princípios; a Revolução Francesa se fundou na defesa de três princípios; a Carta Magna consagrou a defesa dos princípios.

Ele me olhou e nada disse. Pensei que talvez fosse cedo pra conseguir aprender todo o significado desses fatos históricos.

Passado um ano, ele escreveu sobre essa nossa conversa – mas isso já é outra história.

XX

O NATAL DA BRANCA DE NEVE

REGINA MARIA MEDEIROS FABRÍCIO

Psicóloga Clínica em Porto Alegre
com curso de Formação
de Psicólogos - PUCRS, Licenciatura
em Psicologia - UFRGS e Pós-Graduação
em Psicoterapias Integradas
- Instituto Fernando Pessoa

107



O NATAL DA BRANCA DE NEVE

*Conto inspirado na sobrinha
e afilhada Júlia Fabrício Giacobbe*

Aquela

menina de lindos olhos – e de um quieto
e manso olhar - perdeu a quietude quando
chegou o Papai Noel.

Todos lhe falaram, em contos de
Natal, que ele é um bom velhinho. Mas ela
tem só dois anos e, pelo certo, pelo errado,
foi para o colo seguro que é o pai que lhe
pode dar. Papai Noel, roupa vermelha, barba
branca, com sua voz rouca dizendo “ho, ho,
ho”, é tudo que consegue vislumbrar.

Como saber se
é bom esse velhinho?

Ele estende tantos presentes
bonitos que seu coração desejava, vai ver
que é bom esse senhor.

Os primos maiores parecem com

ele tão à vontade, talvez assim também
possa se sentir.

O tio querido lhe pega no colo.
A voz grave traz para ela a poesia dos
contos de fadas.

Nos seus braços está tão segura
que arrisca um beijo na bochecha
enrugada do Papai Noel.

Diante dos presentes, está tão
fascinado o seu olhar, que é perceptível
o encantamento que tem esta noite, tão
diferente, por algum motivo, de todas as
outras. Ela parece a Branca de Neve...
tez tão branca, cabelo tão moreno.

Todos que a rodeiam são tão
altos... onde estão os sete anões?

Tão faceira acompanha a
brincadeira dos primos maiores, é “a
pequena”. Corre, rindo, atrás de todos
eles, para a casa do vizinho. Por que será
que eles correm para lá?

O caminho tem enfeites com
luzes e fitas, será que é para saber por
onde voltar? Já lhe contaram sobre isso
na história do Joãozinho e Maria, e a
vó também fazia assim para ensinar às
crianças como encontrar os ninhos de
Páscoa. Parece um mundo encantado.

Riso permanente, vestido
branco de laços e flores cor-de-rosa,
mais parece uma princesa.

Não traz alvoroço à festa, mas
marca de forma tão definitiva sua
presença que, à sua passagem, é como
se entrasse uma Rainha.

Tem tal magnetismo sua
presença que dela não consegue se
desprender nosso olhar.

Seus olhos nos interrogam
com uma urgência de perguntas,
respondidas com sorrisos e caretas que
gosta de imitar. Fita com seus grandes
olhos castanhos cada presente que
vislumbra, que, quietinha, responde só
sorrindo para os rostos conhecidos que
desejam perceber se está feliz.

Nos braços amorosos da tia
que a abraça com tanto carinho
e aconchego, que enfeitou a casa
para o Natal com tanta fantasia e
encantamento, parece dizer, no coração
quieto e também repleto de emoções:

“Natal é uma coisa tão boa
Adoro Papai Noel.
Essa música é tão bonita
que agora eu vou dançar.”

XXI

CODEX VITAE

RENAN APOLÔNIO

Leitor, apaixonado pela leitura. Autor
de poemas e contos, alguns também
na língua espanhola. Admirador dos
grandes poetas do Ocidente, mas em
especial das tendências crepusculistas
da literatura contemporânea, tendo
como referência, em prosa, a Stephenie
Meyer, e, em poesia, sigo os passos
da literatura Romântica, bilaquiana, e
Simbolista de séculos perdidos.

111



CODEX VITAE

Hamurábi,

um grande rei,
Fez um código e obteve glória.
Ganhou fama com sua lei,
Primo Código da história.

Napoleão, doido varrido,
Quis sobre a Europa reinar;
Com seu Código bem escrito,
O Ocidente subjugar.

Assim os homens fazem Códigos –
Tentam controlar o mundo
Apenas com umas poucas letras.

Mas, desconhecem, são pródigos
Filhos do Autor do profundo
E sumo Código das Leis Eternas.

RENAN APOLÔNIO

113



XXII

ARGEU

RICARDO LUIZ DA COSTA TJADER

Magistrado aposentado

115



ARGEU

Ele chegou.

Chegou como todos os dias.

Só que hoje ele não iria trabalhar.
Nunca mais trabalharia.
Nunca mais!

Ontem, feliz ele exercia sua não tão nobre missão: era leão de chácara daquela boate, a boate de sua amada Sônia.

Sônia, Soninha, suave, singela, ela era o amor de Argeu.

Esta era a mulher
que ele tanto amava e desejava.
Esta era a Sônia que
ele via com os olhos do amor.

A Sônia amada por Argeu era uma prostituta que tinha conseguido montar a sua boate e sustentar seus gigolôs, que vivia trocando.

Pois foi a amada de Argeu que lhe comunicou que a partir do dia seguinte não necessitaria mais de seus serviços.

Ela não lhe disse e nem era necessário: a causa da demissão era o fato do novo gigolô de Sônia não suportar aleijados, “me dão nojo”, dizia. E Argeu era um aleijado, pois não tinha a mão direita.

Argeu saiu dali cabisbaixo, chorando internamente; passou a noite bebendo num conhecido ponto noturno.

Quando saiu de lá, encaminhou-se com enormes dificuldades até sua casa.

Precisava da dose, hoje mais do que nunca! Com mãos trêmulas, ele injetou a dose. Não sem derramar parte de sua preciosidade.

Mas agora ele estava pronto.
Iria mostrar ao mundo
que ele era um homem.

Ele não iria aceitar que a mulher que ele amava se deixasse dominar por um idiota que o chamava de idiota.

Ele iria ver quem
é que era aleijado.
Aquele idiota que se deixava sustentar por uma mulher.
Ele iria ver!

Inexplicavelmente,
ele conseguiu chegar.
Parou, suspirou e sofreu!

Quando ele se encaminhava à porta, viu seu arqui-inimigo. Ali estava ele. Descendo do carro para extorquir mais dinheiro de Soninha.

No bolso do casaco, sua mão esquerda queimava em contato com o revólver que ele “ganhou” de um policial tempos atrás e que nunca usara.

Deu um, dois, três passos. A distância agora era mínima.

A mão subiu e ele começou a atirar como um louco, mas àquela distância era impossível errar.

Quando viu o inimigo caído, ele sorriu!

Sônia seria sua agora!

E era ela que ele procuraria a seguir, mas esqueceu que estava com a arma na mão.

Ao chegar à presença de Sônia, ela se assustou. Ela estava com medo, verdadeiro pavor e tentou fugir.

Argeu, assustado, disparou. Ela não iria fugir dele! E mais assustado ficou aovê-la cair. Ele estava com uma pontaria diabólica. E assustado, fugiu! Mas não tinha para onde fugir! Ele fugia de si mesmo!

E, na fuga, atirou em quem encontrou no caminho, tentou roubar dois carros e provocou um pandemônio no trânsito.

E, ao final, ele tropeçou e caiu. Ao cair, lembrou-se da amada ferida. Não restavam mais motivos para viver.

Ele tinha mostrado do que era capaz, tinha matado aquele desgraçado, que lhe estragou a vida.

Mas tinha matado também sua Soninha.

Só lhe restava morrer!

E ele tinha uma arma na mão!

Mas, antes, deveria esconder seu
defeito, para ninguém mais rir dele.
Ele não poderia mais se vingar.

Um tiro e mais uma morte.

E foi assim que Argeu foi
encontrado, com um sorriso de vingança
nos lábios e com seu defeito físico
escondido embaixo do corpo.

Ele estava vingado e estava morto.

Ninguém mais gozaria dele!

Ele não era mais aleijado!

Ele era apenas mais um morto!

XXIII

RINDO DO NADA

ROSANE R. DE OLIVEIRA MICHELS

Magistrada. Especialista
em filosofia contemporânea.

121



RINDO DO NADA

O desconforto

de manter uma conversa com tia Tabita era sempre superado pela vontade de rever aquela personagem. Talvez a mais interessante da minha infância. Ela era delicada e usava as palavras no diminutivo. Sua linguagem tatibitate lhe rendera o apelido. Falava atropelando palavras, rapidamente e te cutucava o tempo todo. Não se tratava bem de uma conversa, e sim de um tiroteio de cutucões e perguntas, às quais ela mesma respondia emendando com outra pergunta. Sair de sua casa com alguns roxos nos braços era inevitável!

Na casa da tia Tabita, era só eu começar a esfregar os braços, por causa dos cutucões, que minha mãe já começava a rir. Em criança, não gostava quando minha mãe ria do nada. Ficava irritada, por não saber do que ela estava

rindo. Só piorava! Quanto mais eu me mostrava incomodada, mais minha mãe ria. Achava engraçado eu me irritar por tão pouco. Dizia que a vida ia me ensinar o que realmente era ter problemas. Acho que ria das caretas que eu fazia a cada cutucada. Não podia estar rindo do nada. Os hematomas que o digam...

A parte boa da visita ficava por conta da irmã da tia Tabita, que fazia o melhor sorvete da cidade. Tia Cocota, como era chamada, sabia que a minha expectativa maior era saborear o seu sorvete. Me chamava na cozinha para escolher o sabor e, disfarçando seu constrangimento, falava: “ela não faz por mal, é um cacoete, quer passar uma pomadinha nos braços?”. Que nada, era só olhar para o sorvete que não sentia mais dor alguma.

Ao me colocar para dormir, minha mãe passava em meus braços uma pomada preta, feita com creolina. O cheiro infestava o quarto. A parte boa vinha antes da pomada, quando minha mãe dava uns beijinhos nos machucados e dizia: “beijo de mãe cura tudo!”.

Sempre

foi uma incógnita saber se o que fazia desaparecer por completo as dores era a pomada fedorenta ou os beijinhos da minha mãe. Agora sei que eram seus beijos e carinhos. Parecia uma fada de cabelos negros. Me contava histórias, geralmente de nossos antepassados. Contava que todos os parentes moravam em cidades distantes. E eu perguntava: “em reinos longínquos?”. Todos os momentos ao seu lado pareciam mágicos. Dizia que eu devia aprender a dormir sozinha, a ficar sozinha. Que todos nós precisamos fazer exercícios de solidão, para não nos sentirmos sós quando não pudermos ter alguém por perto.

Enquanto o sono não vinha, eu ficava pensando, pensando. Achava estranho contar carneirinhos. Não dava certo. Nunca consegui ver nenhum pulando cerquinha na minha imaginação. Soava estranho o ensinamento de minha mãe: ficar só para não se sentir só. Não conseguia entender. Naquela noite, pensei que era melhor morar com alguém que te cutuca o

tempo todo do que morar sozinha.

Em outras noites, costumava tentar entender o dia a dia dos adultos. Muitas coisas, para mim, não faziam sentido. Rir do nada era uma delas. O que não era nada, perto da mania que meus pais tinham de falar na língua do P, quando não queriam que eu soubesse de algum assunto. Nessas ocasiões, eu ficava era muito braba.

Certo dia, meu pai entrou em casa carregando pelo pescoço uma galinha morta. Contou que a havia recebido como pagamento de um cliente. Parecia emocionado com isso. Ouvi ele falar para minha mãe que a galinha devia valer muito para seu cliente e que tínhamos que saber valorizar aquele gesto. Outros mais abastados, sequer davam galinhas pelos seus serviços de advogado. Era preciso cobrá-los e ainda assim demoravam a pagar.

Claro que minha mãe começou a rir do nada. Ria e dizia que não sabia depenar galinha, que meu pai precisava cobrar honorários em dinheiro. Não demorou para começarem a falar na língua do P. A frase que minha mãe mais

repetiu foi “ga-pa-li-pi-nha-pa não-pão pa-pa-ga-pa co-po-lé-pé-gi-pi-o-po, né-pé?”.

Me lembrou o jeito rápido como tia Tabita falava, concluindo cada frase com a indagação “né?”. Só faltou a cutucada. Foi quando decifrei o código da linguagem. A partir daí, comecei a imaginar Tia Tabita falando na língua do P e terminando sempre a frase com “né-pé” cutucão. Algumas vezes, me peguei rindo sozinha, como quando ouvi meus pais falarem em código que eu era muito esperta ou sobre o presente de aniversário que pretendiam me comprar.

O riso faz mais parte de minhas lembranças do que o choro. Hoje, sei que rir ajuda a superar os medos. Afasta a sensação de isolamento. Faz com que a gente não se sinta só. Rio do nada. Rio de quase tudo. Ou apenas rio, tal qual minha mãe.

XXIV

FENÔMENO DA NATUREZA

SABRINA DALBELO

Escritora e servidora do Ministério Público Federal, reside em Bento Gonçalves-RS. Colaboradora do blog “As Contistas”, publicou os livros de poemas “Baseado em Pessoas Reais” (Poesias Escolhidas, 2017) e “Lente de aumento para coisas grandes” (Penalux, 2018). Aluna da ESM/AJURIS, em 2002.

127



FENÔMENO DA NATUREZA

relampeja e chove
faz secura e mata a sede
tilinta com o amanhecer
refresca como maresia

tal qual não são cinco os sentidos
porque é assobio do vento
considera-se um elemento
a poesia

129

S A B R I N A D A L B E L O

RESISTÊNCIA

à beira do mundo
no calar do pensamento
ou sob o fogo da tormenta
enquanto houver
reação, amor e rebeldia
haverá inspiração
e seremos poesia



XXIV

XXV

UM
MAGISTRADO
DE ESCOL

VASCO DELLA GIUSTINA

Desembargador aposentado TJRS

131



UM MAGISTRADO DE ESCOL

A mídia

costuma dar destaque e não raro homenageia grandes figuras, quer do jornalismo, quer das artes, ciências e até do futebol, quando elas partem. Nada mais justo, pois, que se destaque a figura de Ruy Rosado de Aguiar, que recentemente nos deixou. Ele abraçou os mais variados campos relacionados ao Direito. Fez carreira no Ministério Público, na magistratura, no magistério superior e militou na advocacia. Em todos os cargos ou atividades que desempenhou, mostrou-se extremamente capaz e dedicado, mas é na magistratura onde que mais brilhou sua inteligência. Deixou marcas indeléveis na atuação junto ao Superior Tribunal de Justiça e junto ao nosso Tribunal.

O que importa

ressaltar-se nesta hora, são seus atributos como pessoa. Dele disse o ex-presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo Renato Nalini: “Como é pobre a personalidade que não consegue conciliar a sofisticação técnica, destino natural de quem estuda, com a simpatia, com a tolerância, com o toque mágico de verdadeiro humanismo. Conservou-se humilde e atencioso enquanto ministro. Não se rendeu às pompas e circunstâncias.” Nós que convivemos com a rica personalidade do ministro Ruy, comprovamos que ele foi um julgador humano, em cujas decisões sempre imperou o equilíbrio, impregnado de vida e bom senso, virtudes maiores de um magistrado. Mesmo quando vencido em seus votos, manteve aquela tranquilidade própria dos grandes juízes. Há pouco lembrava o desembargador Marco Aurélio Oliveira: “nunca vi o Ruy ter um gesto rude ou discussão áspera com outro colega, não obstante todos os seus anos de atividade judicante”.

Quando hoje se veem magistrados do mais alto grau opinando, via mídia,

sobre tudo e todos, em evidente descompasso com a LOMAN, sempre é bom lembrar a figura do Ministro Ruy: discreto, polido e afável, dedicado integralmente aos seus misteres. Fica aqui um registro para os pôsteros de alguém que merece ser lembrado e exaltado, e que tanto honrou o Direito e a magistratura de sua terra.

XXVI

O CONVITE

WILSON RODYCZ

Desembargador aposentado



O CONVITE

“O Convite” é um conto de ficção histórica com variações sobre fatos, pessoas e costumes do século XIX no interior do Brasil.

Aconteceu

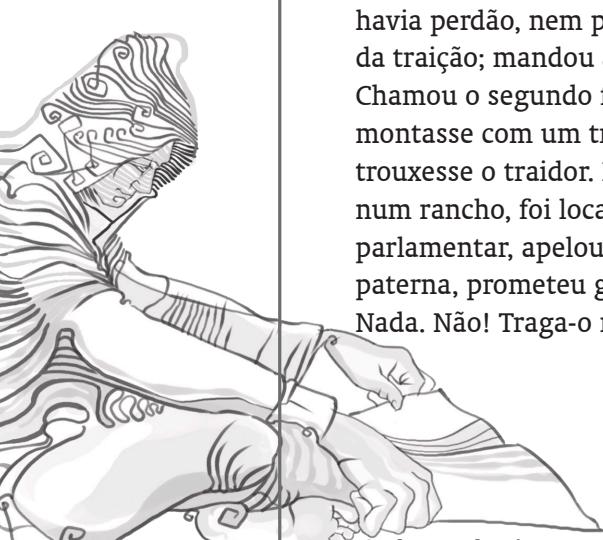
de encontrar o professor Hespanha na arena de Campo Pequeno. Recreação agradável, diferente dos outros centros de tauromaquia: em Lisboa, as touradas são incruentas. Sou seu admirador desde que li a sua monografia “As magistraturas populares no antigo regime”, por isso arrisquei puxar conversa. Em certo momento, ele me disse que havia adquirido uma preciosidade num book shop de Panaji: um exemplar do Livro V das “Ordenações”. Edição da Patriarcal, de 1717. Não que fosse difícil consultá-la na Torre do Tombo, mas porque sempre é uma experiência meio mística manusear um livro antigo. Seu estado era razoável. Não se poderia pretender que estivesse intacto. Conforme dizia Eco: “um livro

é criatura frágil, sofre a usura do tempo, teme os roedores, as intempéries, as mãos inábeis”. Em mau estado, mas, ainda assim, valioso. Todavia, foi algo que ele me disse en passant, que aparentemente não o impressionara, que a mim impressionou muitíssimo, mais do que o próprio livro até: encontrou entre as suas páginas escurecidas um “Convite” de 1829. Mais tarde, pude manuseá-lo no seu escritório na Nova. O convite era para um enterro.

Esquecia-me

de mencionar que o rosto ostentava marcas da Relação de Goa e a assinatura de um tal Luiz de Bragança, que foi juiz-de-fora – vim a saber – e até membro da Junta Criminal da Capitania de São Pedro. Ele se notabilizou, mesmo – como lembra Costa Franco –, por ter se negado a jurar a Constituição que as Cortes do Porto iriam elaborar. Por isso, até amargou uma prisão. Pois se até o rei D. João, intimado no Rio de Janeiro, jurou-a sem hesitar, seja lá o que os revolucionários fossem escrever! O Ouvidor concluiu que não havia lesa-majestade, mas uma paixão por uma

137



saloia, cuja lindeza decorria do fato de ser proprietária de sesmarias no Sul. Em consequência, ficou no limbo, mas não por muito tempo.

O convite era para o enterro do filho mais velho de Pedro Vieira, senhor do Engenho de Canavieiras, freguesia de Laranjeiras, Pernambuco.

“Reverendíssimo Senhor Padre Coadjutor:

“Como Deus foi sempre servido que eu mandasse matar meu filho F..., rogo-lhe o favor de chegar até esta sua casa, para assistir ao enterro.”

Trinta anos depois, o padre Peixoto relatou ao conselheiro Araripe: o filho cometera um delito imperdoável. Engraçara-se pela mucama preferida de Pedro! Para o crime de afrontar o pai não havia perdão, nem pena leve. Suspeitara da traição; mandou acoitar; matutou. Chamou o segundo filho e mandou que montasse com um troço de negros e trouxesse o traidor. Morto. Escondido num rancho, foi localizado. Tentou parlamentar, apelou para a piedade paterna, prometeu garrar o mundo... Nada. Não! Traga-o morto! Deu-se.



O padre, como os vigários dos arredores, os parentes e vizinhos assistiram às exéquias. Naquela casa a religião tinha lugar. A mãe, a viúva, as três filhinhas: inconsoláveis. Só Pedro Vieira não chorava. Sombrio, silencioso, o rosto vincado de rugas, a expressão de tigre aperreado, passeava de uma ponta a outra do avarandado. Era um insulto aos seus direitos, uma afronta às suas prerrogativas.

Um mês após, o forâneo do Recife fez a devassa. Tudo silêncios. Quem se atreveria? O padre recusou a paga pela encomendação. Por reconhecer o crime ignominioso? Não, pela lembrança de que o tigre podia entender que Deus era também servido que o mandasse matar...

XXVII

EM MATÉRIA DE CONVERSAS

ZELI SCHEIBEL

Escritora gaúcha
de romances espíritas.

141



EM MATERIA DE CONVERSAS

O isolamento

por conta da pandemia trouxe as crianças mais para dentro do lar. As conversas entre mim e meu neto andam bem divertidas! Vamos nos deliciando com bate-papos triviais, numa rotina virtual. E por que não dizer que nossos colóquios não passam de metáforas que a gente vai compondo entre risos, caras e bocas. O Pedro descobriu que o que não tem remédio remediado está, tem coisas que é melhor se reinventar do que ficar triste – sofre menos, afirmou ele na videoconferência.

– Vó, está tudo certo quando descobrimos que podemos mais se formos fortes. Quero dizer, não é ser forte de força, mas forte de ser capaz de chorar e voltar a sorrir, sem se revoltar; hoje é dia de passar aspirador de pó no meu quarto, e está tudo bem.

– É assim que está lidando com o isolamento dos amigos e da escola?

Silenciou por alguns segundos.

– Sim, sempre fazendo coisas que antes não tinha tempo: arrumo a mesa, seco a louça e cuido do meu cão, Faísca. Sou responsável por ele! Descobri que é muito bom ser responsável por alguém, não achei tão difícil assim.

A distância pode ser menos solitária do que prevíamos, se considerarmos que os movimentos se dão agora de modo a nos autodescobrirmos.

– Estou lendo bastante, comecei a escrever meu livro. Já enviei a premissa para a professora e ainda tem sobrado tempo para brincar.

– Estou orgulhosa de você!

– Nesta quarentena, além das aulas pela manhã, ajudo minha mãe e ela até me ensinou a costurar. Fiz várias bolsinhas que vou distribuir para a família quando a rotina voltar ao normal. Tenho a esperança de que poderei ver meus amigos em breve.

O desconhecido nos inquieta, é mais fácil permanecer na rotina. Por outro lado, o que desassossega nos faz

crescer e pode se tornar divertido. Algumas crianças ainda não sabem o que significa a palavra resiliência, e muitos adultos ainda não aprenderam. No final é tudo um processo, e vamos combinar, nesse quesito, as crianças estão dando de relho nos adultos.

— Você me surpreende cada dia um pouco mais — respondi com voz embargada.

Suspirou, da tela do celular, duvidasse podia-se sentir o cheiro e o calor um do outro.

— Vó, eu acho que Deus quer que fiquemos mais juntos, que a gente aprenda a dar valor aos amigos e à família.

— Com toda a vaidade de avó, com você, revive dentro de mim a esperança na humanidade.

Sempre ouvi dizer que as crianças imitam os adultos, mas em nossas conversas o Pedro evidenciava o contrário. Ele é a luz que ilumina meu coração, a voz que alegra o meu dia, com risos e sons naturais da criança que ainda é, mas

com a assombrosa lucidez do adulto.

— Mas afinal, o que é ser adulto?

— perguntei a ele.

— Vó, alguns adultos precisam aprender o “adultez”! Beijos, vó.

Acredite! O Pedro e eu estamos tendo esse tipo de conversa.

— Beijos, querido.



CADERNO

29 Lí
teratura

COLEÇÃO · 2020



AJURIS

Este livro foi impresso
nas fontes Oranda, Gisha e Zapf
Elliptical 711, e impresso no papel
Polen 80g/m² e Cartão 250g/m²
na Gráfica Odisséia.

ISBN: 978-65-992702-0-8



9 786599 270208